

## “A BOA CRÍTICA É AQUELA CONSUMIDA PELO FRACASSO”: uma entrevista com Marcelo Ikeda

Em agosto de 2014, Marcelo Ikeda esteve em Teresina para falar de seu processo criativo, apresentar alguns de seus trabalhos e discutir sobre o cinema de Jonas Mekas. Na oportunidade, combinamos uma entrevista, feita por correio eletrônico, e que apresento a seguir. O carioca Marcelo Gil Ikeda é professor do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trabalhou na Agência Nacional do Cinema (ANCINE) entre 2002 e 2010, ocupando diversas funções. Ministrou cursos e palestras sobre Leis de Incentivo e Economia do Audiovisual em diversos cursos, como IETV e FGV/RJ (Film & TV Business). Publicou em 2012 o livro *Lei da ANCINE comentada (MP 2.228-1/01)* e em 2013 *Leis de Incentivo para o Audiovisual* (ambos pela Editora WSET). Diretor e roteirista de diversos vídeos, participou de festivais nacionais e internacionais. Crítico de cinema, escreveu para variados veículos e mantém há dez anos o blog *Cinecasulofilia* ([www.cinecasulofilia.blogspot.com](http://www.cinecasulofilia.blogspot.com)). Curador da Mostra do Filme Livre (CCBB/RJ) desde 2003. Publicou, em 2011, o livro *Cinema de garagem: um inventário afetivo sobre o jovem cinema brasileiro do século XXI*, em coautoria com Dellani Lima. Organizou (com Dellani Lima) a mostra Cinema de Garagem (Caixa Cultural/RJ - julho/2012; Cinema do Dragão - Fortaleza/2014; Centro Cultural da Justiça Federal - Rio, 2014). Este ano publicou o livro *Cinecasulofilia* (Editora Substância).

Wanderson Lima<sup>1</sup>

**Ser crítico e criador gera conflitos em ti? Uma atividade pode atrapalhar ou confundir a outra?**

Não. Para mim, a crítica, a curadoria e a realização sempre fizeram parte de um mesmo movimento, em que cada uma dessas partes realimenta a outra.

---

<sup>1</sup> Poeta e ensaísta. Professor do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI e membro do NEMIN – Núcleo de Estudos em *Mimesis*, Imaginário e Narratividade. E-mail: [wanderson@hotmai.com](mailto:wandersontorres@hotmail.com)

Para mim, o meu ponto de partida em minha relação com o cinema é sempre o desafio de ver um filme. Ver um filme é sempre um enorme desafio. Escrever sobre filmes, organizar mostras e realizar filmes são partes desse movimento de tentar entender melhor os filmes, e, a partir disso, também entender melhor o mundo e a mim mesmo. Essas atividades se alimentam; as relações se multiplicam. Realizar um filme é também ser um crítico; realizar uma mostra de cinema é como montar um filme, e assim em diante.

O desafio é ver um filme com a ingenuidade de uma criança e com a sabedoria de um ancião. Não sei se isso é possível. É preciso ver um filme com os olhos abertos, sem pensar muito durante sua projeção, deixar o filme nos afetar, deixar-se perder, estar em deriva. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar seduzir pelo filme, estabelecer um distanciamento crítico, investigar o discurso do filme, questionar todas as suas reentrâncias e saliências, como uma autópsia.

Ultimamente, no entanto, estou tendendo a achar que pode haver conflitos na relação entre crítica, curadoria e realização não por conta dessas atividades em si, mas por conta do jogo do poder do circuito do cinema, que é infelizmente muito entrópico. Um crítico (ou um curador) precisa ter uma postura independente. Isso pode levar a conflitos com uma outra esfera de atuação. Muitas vezes o circuito ainda não se encontra maduro para promover debates, e as críticas acabam sendo levadas para o lado pessoal, dificultando as relações. Numa entrevista recente, o Jean-Claude Bernardet disse que ele, como crítico, sempre fez questão de nunca ser amigo pessoal ou de frequentar os mesmos lugares que os realizadores.

**Sua postura ética e estética se contrapõe à crítica de cinema excessivamente valorativa, que deseja selecionar o que o público deve assistir e acredita, não sem certo grau de arrogância, que é capaz de dissecar o filme para o espectador. Poderia aprofundar este ponto?**

Em linhas gerais, acredito que a função da crítica é espalhar dúvidas, e não certezas. O papel do crítico é fazer com que o espectador/leitor não saiba mais qual é o filme que ele pensou ter visto. Ou seja, que o faça duvidar, se questionar. O papel do crítico não é o de "tradutor da verdade do discurso do filme". O bom crítico não é aquele que quer que o espectador/leitor veja o mesmo filme que o crítico viu, mas sim que, a partir do texto, o espectador/leitor possa ver o seu próprio filme.

Assim, a boa crítica é aquela consumida pelo fracasso. O crítico fracassa diante do filme. O crítico nunca consegue "dar conta" do que é o filme. É como se o filme fosse uma esfinge que dissesse ao crítico "decifra-me ou te devoro", e o crítico fosse sempre devorado pelo filme. Com esse gesto, quero apontar para o fato de que a missão do crítico é prolongar o mistério que é o filme, e não o de explicar do que o filme é feito. O crítico deve agir por sugestões e analogias. Deve se relacionar com o leitor de forma telepática, assim como era o método de Bresson diante de seus modelos (atores).

Mais detalhes sobre esses pontos podem ser vistos no texto " A crítica ( o crítico) como um barco à deriva" (<http://cinecasulofilia.blogspot.com.br/2010/09/critica-o-critico-como-um-barco-deriva.html>)

**Mekas, Bresson, Ozu, Akerman, Dreyer, Hsiao-Hsien, Oliveira, Kiarostami, Reygadas. Suas preferências cinematográficas apontam menos para um estilo que para uma postura, menos para uma estética que para uma ética, ainda que sua crítica esteja longe de ser moralista. O que é possível exigir, em termos éticos, de um filme ou de um cineasta?**

Você tocou num ponto crucial: a ética. Acredito que deve haver um equilíbrio entre quatro aspectos, como escrevi no livro *Cinema de garagem*: os aspectos econômicos, éticos, estéticos e políticos. Quanto aos aspectos éticos, refiro-me ao fato de que devem ser examinados não apenas os modos de ver mas também os modos de ser. Em última instância, creio que o grande debate sobre o papel das artes no mundo - mesmo com muitos achando que essa é uma discussão velha ou romântica - reside na possibilidade da investigação do nosso universo sensível, dos nossos modos de ser no mundo. Acredito em um cinema humanista que reavalie a posição do Homem no mundo, seu papel, seus desafios, seus dilemas, sua miséria e sua grandeza.

Acredito também imensamente no papel do artista. Um filme é um discurso, é um gesto diante do mundo, e por isso considero extremamente importante conhecer se as atitudes do artista são análogas ao discurso do filme. Com isso, não quero dizer que me interesse pela biografia do artista como anedotário, mas não acredito em análise fílmica que considere a obra como universo fechado, sem entender as relações processuais de sua realização, o contexto de sua realização, sua função no mundo. Ou seja, me interesse pelas opções do artista não apenas na sua obra mas também em sua própria vida. Não estou propriamente interessado no “psicodrama do autor”, mas acredito que várias das opções de um autor não estão presentes somente nas suas obras como

também na própria forma como ele vivencia essas opções. Suas opções de vida também podem ser um gesto político/ético diante do mundo.

**A estética da monumentalidade e o culto da eficácia e do acabamento perfeito, requisitos do cinema comercial, domesticam o espectador do cinema ou tais proposições podem conviver pacificamente com um cinema mais alternativo? Pergunto ainda: faz sentido a distinção entre cinema comercial e cinema de arte?**

A busca pela perfeição, pelo equilíbrio e pela simetria é um conceito da arte clássica, que revelava, de modos diferentes, como a arte poderia ser um reflexo da presença de Deus no mundo. A arte moderna foi se tornando mais impura, aproximando a arte do mundo, do banal, do corriqueiro. Os personagens foram se tornando mais ambíguos, mais complexos. O traço, a matéria-prima, menos linear; as luzes, cores, mais efusivas. No cinema, outros realizadores radicalizaram essa operação: é o caso de um Jonas Mekas, que imprimiu a vida no celuloide a partir de uma busca do fugaz, do efêmero, dos pequenos momentos de epifania que logo passam. O cinema como um rascunho, que não deve ser passado a limpo. Como a vida, que não tem retake. A aproximação do cinema com a vida tem inúmeros contornos, como o neorealismo italiano e os documentários de Jean Rouch. E muitos outros. No cinema contemporâneo essa discussão toma outras proporções mas permanece essencial, pois o cinema sempre será uma representação da vida, um simulacro. É preciso também perceber que o falso também tem as suas potências. Realizadores como Fassbinder, Ophuls, Visconti, Welles, Syberberg ou Godard, por exemplo, foram mestres em usar o extravagante, o falso ou o monumental como arma política.

O cinema moderno não substituiu ou superou o cinema clássico, como se fosse um estágio numa trajetória evolucionista. Em arte, não se pode falar em "evolução da espécie", mas apenas em possibilidades, são outras formas de ver o mundo. A *Cahiers du cinéma* compreendeu bem a questão, quando fez questão de resgatar importantes diretores no seio da indústria cinematográfica hollywoodiana, como John Ford, Alfred Hitchcock, Vincent Minelli, e tantos outros. Não fez a simplória oposição entre cinema e arte. E, além disso, Ozu falava do banal dentro do cinema de estúdio japonês.

No entanto, a prática nos diz que existem inúmeras nuances e capítulos nessa tumultuosa estrada, mesmo se considerarmos apenas o cinema. Em geral, o cinema - a arte - que procuro defender está muito mais próximo da busca pelo ordinário, pelo comum, pelo banal, do que pelo momumento ou pela eficiência. Acredito que esses valores - a competitividade, o progresso, o desenvolvimento - levaram a humanidade à Segunda Guerra Mundial e a outras catástrofes. Procuro concentrar meus gestos para um cinema que mostre a possibilidade de outros modos de ser, numa sociedade consumida pela competitividade, pelo materialismo, pelo automatismo. Mas existem outras pesquisas que valorizam outros aspectos do mundo, e que podem ser conciliadas.

O que é preciso perceber é para que valores a obra aponta, que discussões ela suscita, que questões ela lança ao mundo, independentemente do circuito e do número de pessoas a quem atinge.

**Seu trabalho criador, que eu considero dos mais singulares e consequentes feitos neste país, é o oposto da estética da monumentalidade que comentei antes. Gostaria, para encerrar, que**

**você divisasse os horizontes de sua estética, isto é, o *modus operandi* de seus filmes e tratasse, ainda, de como eles têm sido recebidos nos festivais que você organiza e/ou participa pelo Brasil.**

Meus filmes têm sido em geral muito mal recebidos, mas eu os continuo fazendo mesmo assim, como uma espécie de teimosia, como uma forma de resistir. Pois as mostras e os festivais de cinema, em geral, valorizam "o novo", "o excêntrico", ou a competição entre os filmes. Mesmo muito pouco exibidos no circuito de festivais, com o tempo, minha filmografia acredito que vá ganhando algum fôlego, e algum reconhecimento, talvez por essa mesma insistência de que falava. Sei que meus filmes serão vistos por muito poucos, mas foram realizados com a esperança de que esses alguns poucos possam se relacionar com eles de uma forma intensa, transformadora. São uma garrafa jogada no mar, cujo destino não tenho como precisar. Jogo essa garrafa como um gesto louco, desmedido, desesperado, um pedido de socorro, na esperança que ela possa chegar até a ti.

É difícil falar sobre o que busco em meus filmes. Realizei filmes pequenos, de estrutura pequena. Trabalhos de investigação e de pesquisa. Trabalhos frágeis, em que sugiro, muito mais do que afirmo algo. Realizei diversos vídeos em que me filmo em minha casa - eu os intitulei "vídeos caseiros". São uma autoperformance, distante da autobiografia ou do improvisado. Realizei também alguns diários de viagem, em que busco trabalhar a ideia de um olhar estrangeiro num processo de deslocamento e de estranhamento do espaço. Realizei também uma série de cartas audiovisuais, pensando que um filme pode ser destinado para uma única pessoa, como uma carta, e não necessariamente para um circuito econômico. Realizei também alguns trabalhos mais narrativos, mas que oscilam entre a poesia, o experimental, a

performance. Muitos deles podem ser vistos no site [www.marceloiked.com](http://www.marceloiked.com). Trata-se de uma pesquisa em andamento.

Se eu puder falar de algo que une essas pesquisas é um contínuo questionamento sobre as possibilidades do cinema e da vida. É como se eu quisesse perguntar a Deus por que ele me fez tão frágil, e por que, ainda assim, consegue surgir, vez ou outra, de forma inesperada e muito breve, algo de belo.